

a mulher

uma nova força

no mundo de hoje

---

Fundação Cuidar o Futuro

---

**MARIA DE LOURDES PINTASILGO**

**PRIMEIRA MINISTRA**

Fundação Cuidar o Futuro

## I parte - A génese d'essa nova força

- 1) Situaç histórica em q̄ se insere a irrupç da m̄ na vid contemp.
- 2) A condiç de mudanç d' sociedade
- 3) Enquadramento no movimento progress das minorias discriminadas
- 4) Ambiguidade de situaç d' m̄ nos movimentos de libertaç

## II parte - Condicionais mos particulares d' situaç actual

- 1) Breve desuip de factos em #  
condições
- 2) <sup>referência</sup> A situaç portuguesa
- 3) Corrente filosófica a justificar a situaç actual
- 4) Binómios de definiç d' m̄ numa antropologia actualizada

## III parte - Componentes d' nova força q̄ a m̄ pode representar na sociedade.

## I) A gênese dessa nova força

O Tema que nos foi dado para o Colóquio de hoje e para o qual aliás eu escolhi exactamente o título: "A Mulher uma nova força no mundo de hoje", presta-se a uma diversidade de interpretações. Vou tomar um caminho que é o da análise da sociedade no seu conjunto, e num primeiro tempo, nesta introdução que vou fazer, não tocarei o problema particular da mulher na Igreja. Creio que a Igreja é uma das formas de associação dos homens no mundo de hoje, ela é uma forma de associação por excelência: haverá que tirar algumas conclusões da análise que faço relativamente à sociedade e haveria que analisar então a situação da mulher na Igreja ao nível do dinamismo interno da Igreja. Mas esse ponto, se quiserem, poderemos tomá-lo depois na parte do Colóquio.

Não é por acaso que eu escolhi para tema deste Colóquio a nova força que a mulher representa no mundo de hoje. Assistimos, e literatura internacional, nacional, mesmo a nossa imprensa muito escamoteada vai-nos dizendo que, desde há alguns anos, há uma irrupção, um mal-estar social que toma nomes diferentes em diferentes latitudes e em diferentes idades ou mesmo em diferentes extractos sociais.

Fala-se assim de revolução sexual para uns, fala-se, em outros sectores, em movimentos de libertação das mulheres; fala-se ainda de novo estatuto da mulher. Ora, a meu ver, nenhum desses acontecimentos ou fenómenos, descreve adequadamente o movimento da história a que estamos a assistir. E eu queria dizer, não a que estamos a assistir, mas em que de alguma maneira participamos: participamos ou como motor ou como travão.

Há problemas na história e na evolução dos acontecimentos que, não são neutros por definição. E justamente tudo o que diz respeito à irrupção da mulher, como força nova no mundo de hoje, não é um acontecimento neutro, à margem do qual nós podemos passar com uma certa indiferença ou considerando vestígio de algumas formas, reivindicativas para uns, românticas para outros, que tenhamos conhecido.

Daí a importância de discutirmos o problema, de fazer o inventário dos seus epifenómenos e ~~ao mesmo tempo~~ das suas motivações.

E por isso o que vou dizer esta noite não é mais do que uma reflexão muito sumária daquilo que haveria a dizer, e de certa maneira uma plataforma para um encontro, ~~se quiserem~~, um confronto de pensamentos e experiências que ajudem a racionalizar o problema.

Porque o problema há: e essa seria a minha primeira afirmação. E porque a racionalidade se impõe: tal é a única via de fazer face a um problema.

Nós definimos problema sempre que há um paradoxo lógico aparente, sempre que uma situação nos aparece sem saída, senão ela não seria problemática: seria objecto de opinião, de discussão, de descrição, mas não seria problemática. Ora na medida em que há paradoxo lógico aparente, há problema, e se há problema há uma via de racionalidade *a percorrer.*

Farei, como aliás já estão a perceber, pelo tom em que estou a falar, algumas afirmações com uma certa aparência dogmática, mas é só uma aparência porque o que acontece é que eu não quero e não posso sobrecarregar l serão como este que é um Colóquio, portanto é também um momento de Convívio, com notas em rodapé indetermináveis, que justificariam e documentariam cada uma das afirmações que estou a fazer. Ora quando se fala hoje na mulher como uma nova força no mundo, e nós não estamos, como poderia parecer à primeira vista, a percorrer plácida uma segunda etapa dum movimento que foi chamado de feminismo e que caracterizou as primeiras décadas deste século.

*X 1) Situação histórica em que se insere o movimento*

O feminismo que, embora muito ridicularizado, e que para nós se associa com umas demonstrações dum senhoras, justamente na viragem do séc. XIX ao séc. XX, na Inglaterra, enfim, depois mais ou menos com a intervenção da polícia, como convém em tais circunstâncias, esse movimento, embora ridicularizado, foi na verdade uma estocada violenta no mundo desumano do princípio da época da industrialização.

## Fundação Cuidar o Futuro

Mas, apesar de ter sido essa estocada com uma repercussão, aliás, mais ampla do que a simples questão da mulher, não foi muito mais longe, nas suas consequências, do que assegurar em alguns níveis em que a situação era de evidente problemática, a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, sobretudo na vida *colectiva* sindicante.

E, assim, é que o voto para a mulher foi um dos seus objectivos mais concretos e a esse movimento de princípio do século que ganhou rapidamente corpo nos países de origem germânica ou anglo-saxónica, como quiserem, foi-se sucedendo um movimento a que depois o General De Gaulle, em França, como uma das suas primeiras iniciativas no governo imediatamente a seguir à segunda guerra mundial, deu forma dando direitos de voto às mulheres francesas que depois, enfim, permitiram dizer naquela época que se conhecia e que constituíam a maior parte do eleitorado e foi nesse mesmo movimento do princípio do século que se inseriu o facto de em 1969 ter sido conferido à mulher portuguesa o direito de voto em situações quase de igualdade com os homens.

Realmente, digo, de quase de igualdade, na medida, em que, como sabem, as comunidades se estruturam a partir das suas células, das suas comunidades locais, e, no caso de direito administrativo português, essas comunidades são as juntas de freguesia e os respectivos presidentes podem ser eleitos pelos "chefes de famílias" (que é um conceito com muito interesse a que faremos aqui referência até).

Ora, quero eu dizer portanto, que quando falamos nesta força nova, que não estamos de modo nenhum a situar-nos numa sequência desse tal movimento feminista. E não estamos porquê? A maior parte da minha exposição vai tentar dizer porquê.

É que a irrupção da mulher como nova força no mundo situa-se, em meu entender, em outro enquadramento: situa-se na sequência de um movimento muito mais amplo de toda a humanidade e que tem simultaneamente características sociológicas a apontá-lo, elementos filosóficos a justificá-lo.

Qual será esse enquadramento de ordem sociológica mais amplo do que o movimento feminista do princípio do século?

## 2) A situação de mudança da sociedade

Trata-se, antes demais, de uma sociedade em mudança, que é percebida forma mais ou menos dramática consoante o ritmo de progresso, consoante a disparidade dos vários extractos sociais, consoante a capacidade de absorção que têm os povos e as populações de captarem aquilo que já foi chamado o choque do futuro, a irrupção no presente, dum futuro com características totalmente diversas e quase não imagináveis a partir do presente, como se houvesse uma solução de continuidade, uma ruptura entre aquilo que é hoje e aquilo que virá a ser.

Ora por isso eu situo esta irrupção da mulher, como força nova no mundo de hoje, no contexto duma sociedade em mudança, sociedade em mudança em que se dá o choque entre um ontem que se esvazia, mas que quer a todo o custo permanecer e um amanhã que ainda está por consubstanciar.

Pertencem a esse ontem valores, atitudes, modelos de comportamento, expectativas que, embora abalados já nos seus alicerces, revelam o seu vazio de significado para o hoje que vivemos e que, apesar de tudo, querem permanecer. Ora, aí, justamente, nesses valores, atitudes, modelos, que querem a todo o custo permanecer se enraiza o travão da mudança. Um travão que é tanto mais forte, mais violento, tanto mais dominador, quanto menos claro aparece esse amanhã que se recêia.

Por outro lado, (e talvez para outro grupo, ou para as mesmas pessoas em diferentes momentos da sua existência,) pertencem a esse amanhã, uma terminologia, novos modelos de comportamento e todo um clima que se pode dizer de anarquia, por que ainda nada está definido, que se apresenta como negando aquilo que é hoje, e com tanto mais violência quanto <sup>pe</sup> presente sem <sup>g</sup> poder verbalizar, o amanhã. Estou a traduzir com jogo de palavras, de ~~ontem~~, e de amanhã, o fenómeno fundamental da contestação que não é mais que uma convicção de toda a pessoa que presente um amanhã diferente, uma situação nova, mas não sendo capaz ainda de <sup>a</sup> inventar ou de a imaginar, não a atinge senão negativamente.

Ora, nessa forma muitas vezes violenta de dizer negativamente o amanhã, por tanto de ainda não o dizer, não o verbalizar, não lhe dar forma nem substância, aí toma corpo, de certa maneira, **outro** travão da mudança. //

Um travão que é tanto mais reivindicativo, tanto mais agressivo, quanto mais impotente se sente em exprimir esse amanhã que deseja. E aliás esta é a transposição daquilo quando experimentamos ao nível da nossa conversa normal, da discussão de café, de serão, seja como for, quanto mais imprecisa nos aparece a nós mesmos a imagem daquilo que queremos transmitir, mais agressiva se torna a forma como o dizemos porque sentimos que há qualquer coisa dentro de nós que ainda não tomou forma nem corpo. Portanto, num e noutro caso, quer se permaneça agarrado ao ontem e querendo a todo o custo que o ontem permaneça, ainda mesmo em forma desigual, como vestígio daquilo que foi ou quer se experimente o contrário, essa angústia do amanhã ainda não definido, o que acontece é que nessa dupla situação (de travão é uma mudança pensada, racionalizada e clarificada) se traduz um certo medo inconsciente e instintivo do vazio, que a mudança da sociedade traz sempre consigo.

Perante a mudança a interrogação surge: e depois ?

Esse medo é preenchido por uns com a imitação forçada de modelos desligados do seu contexto, numa anarquia constante de atitudes, situações (quando digo anarquia, digo movimento ao acaso, sem directriz) por outros, traduz-se no desapego desesperado aos modelos já conhecidos. Ora, é neste medo do vazio, é nesta passagem de um ontem a um amanhã, um ontem que já tem só formas residual, a um amanhã que ainda não sabemos definir os contornos, é aí que eu situo a questão da mulher no mundo de hoje.

Ela está, portanto, e a sua irrupção, o sentido de força nova ou nova força, justamente nesta passagem de um tipo de mundo a outro tipo de mundo. É claro que era possível neste momento que me interpelassem, me dissessem, mas em que consiste essa mudança tão radical ?

Eu queria apenas lembrar que é nos últimos 10 anos, praticamente, que se universalizaram as conquistas de grande domínio do pensamento e da vida dos homens em sociedade. E queria apenas acentuar, ao nível da estrutura da pessoa humana, que é na última década que se divulga, que se torna popular, ao alcance de toda a gente, faz parte da nossa cultura, faz parte da nossa maneira de ver a vida, uma compreensão, que é pós-freudiana, justamente que insere na nossa interpretação da realidade e dos comportamentos não uma interpretação ~~psic~~-freudiana estrita, mas aquilo que, depois de Freud, foi verificado e foi descoberto e corrigido.

É no nosso comportamento também que se inscreve uma tomada de consciência da historicidade do homem, historicidade que se faz através do trabalho, da relação entre homem - trabalho - história - mundo, que de certa maneira é uma aquisição fundamental do Marxismo e que, uma vez decantada, a experiência marxista através dos sistemas comunistas ou socialistas a que deu origem, vem enformar o pensamento contemporâneo. Podemos dizer também que é na última década apesar de e contrapondo justamente a enorme popularidade dum Sartre como romancista, vem tornar-se cada vez mais universal, através do comportamento de toda uma geração jovem, aquilo a que todo o movimento existencialista (falei em Sartre, podia ter falado ainda anteriormente em

Kierkegaard, ou em Merleau-Ponty, talvez com mais propriedade), vem tomar corpo em formas novas de comportamento, vêm dizer ao homem que ele está sempre perante uma situação em relação à qual tem de tomar posição e que cruzar os braços é já uma resposta.

Podíamos dizer ainda, e considero especialmente importante dizê-lo, podíamos dizer ainda, que é também nos últimos anos na última década ou nos últimos 15 anos que se toma consciência, se divulga, se torna popular aquilo a que - para citar só um nome - um Einstein percebeu como estrutura da nossa relação aos fenómenos, à natureza, a uns e a outros, quer dizer em termos justamente de divulgação, uma consciência duma relatividade de todos os movimentos e da ausência de referenciais absolutos nos esquemas humanos.

Ora, isto é, uma pintelada de criança de jardim infantil o que eu acabo de dizer, mas evidentemente é suprido pelo conhecimento que cada pessoa tem do que acaba de dizer. Quis apenas acentuar que é nesta última década que tudo aquilo que foi de certa maneira trabalho de gabinete ou foi investigação para uns, que foi revolução para outros, aparece caldeado pela experiência, aparece decantado e faz parte hoje do património de todos nós. E por isso é que nos encontramos nesta situação de mudança a que me referi no início, numa passagem duma sociedade desse tal ontem com valores bem definidos a um amanhã que não sabemos ainda como vai ser.

Ora, e é porque se toma consciência desta situação e perante todas estas coordenadas que também a mulher se interroga: não se interroga já ao nível daquilo que era apanágio das mulheres, da sua correspondência, mesmo romanceada pelas cartas que deixaram, que em geral é a forma literária em que se evidenciam, não já portanto a esse nível de relação eu-tu, mas a um nível de relação comunitária. A mulher começa a exprimir, de forma diferente, a sua sensação ou a maneira como experimenta, ela própria, essa situação de mudança. E daí, a abundância de literatura sobre o problema, que mesmo em livros considerados de investigação, vem toda carregada de uma linguagem tradicional. E vêm-me assim à ideia apenas alguns de várias latitudes: uma senhora americana estreve: "A ilusão de Eva"; uma senhora teóloga italiana, escreve: "A impaciência de Adão"; uma senhora norueguesa que escreve um livro a que chama "Subordinação e equivalência"; uma senhora francesa, teóloga também, casada com um pastor protestante, escreve um livro sobre "O outro semelhante". Quer dizer há aqui nesta formulação, e só para agarrar em 4 das centenas dos livros e artigos que se podem considerar sérios sobre a questão, há aqui já uma expressão em linguagem, a tal linguagem de ontem, de um problema que é de hoje e cuja solução para amanhã não se sabe ainda qual é.

E recordo-me que em 1967 apareceu sucessivamente em França - além de muitos outros - 4 livros cujos títulos são elucidativos: o primeiro é "A recta posição da mulher": (*métier de femme*); outro, "A sorte de ser mulher"; e logo a seguir outro que era: "A dificuldade de ser mulher"; e finalmente, outra autora que escreve só: "Ser mulher" - já nem qualifica se é sorte, se é dificuldade, se é profissão ou o que

Fundação Cuidar o Futuro

É claro, que eu situei o problema nestas quatro primeiras décadas, mas isso não significa que ele esteja resolvido. Sabemo-lo por experiência bem localizada e sabemo-lo justamente por toda a informação que nos vem de outras latitudes, mas estou a tentar indicar o movimento que era o da crista, o movimento predominante e que foi o da conquista dos direitos fundamentais para o trabalhador.

Já a década de 50 vai ver surgir uma outra minoria e chamo-lhe minoria não pelo facto de constituírem realmente, numericamente, essa minoria, mas por serem fracos relativamente aos poderes que possuem. E assim começa a tomar corpo na década de 50 e possivelmente muitos dos que estamos aqui, alguns pelo menos, interessamo-nos profundamente por aquilo que se escrevia, com um certo romantismo, que era negritude ( havia vários livros sobre o acordar dos povos de côr) e, nessa altura, como que o mundo tomou consciência (e sem dúvida ainda como consequência da segunda guerra mundial), de que havia um outro mundo, que por acaso até era muito superior em número pois constituía 2/3 da humanidade, mas que se encontrava numa situação de minoria discriminada.

E assim começa a surgir o movimento de independência dos grandes blocos, primeiro a constituição da União Indiana, a partir de pequenos Estados que faziam parte do Império Britânico; depois a independência de Gana em 1957; e começam a surgir na cena mundial novas nações a um ritmo tal que em menos de 20 anos se tornaram, com os chamados países alinhados de facto, a força decisiva das resoluções em plano internacional. Eu aqui estou a exagerar um pouco na medida em que tive oportunidade de participar na Assembleia Geral das Nações Unidas, neste Outono passado, em Nova York como delegada de Portugal e na verdade foi para mim uma revelação a esse nível, se quiserem, diplomático, político, a força de um bloco quee começou a chamar-se Bloco Afro-Asiático com a conferência de Bandung; depois começou a chamar-se o grupo dos 77 e neste momento é o grupo dos 96 (entre eles há a China Continental). Ora este grupo dos 96 por força do seu número, vence qualquer resolução que queira pôr na mesa das Nações Unidas.

Evidentemente há aqui todo um jogo de poderes, que aliás, conhecemos neste momento em particular pelas notícias da visita do Presidente Nixon à China. Há todo um jogo de poderes na medida em que interessa saber se são essas resoluções que são portadoras da acção ou é a riqueza dos países altamente industrializados como os Estados-Unidos, a Europa, o Bloco Soviético, que predomina, que tem verdadeira influência - são pontos de interrogação que é legítimo formular, mas que não deixam de dar importância a essa realidade que é fazer de uma certa lei internacional. Certamente há aqui muitos juristas que sabem toda a problemática que se põe, se as resoluções das Nações Unidas são ou não lei internacional, (eu não tenho nenhuma competência para julgar isso), mas o que é facto é que há uma série de resoluções que são tomadas por uma maioria, (até se fossem muito importantes eram tomadas por 2/3, mas isso já é arrumado com a questão da entrada da China) e uma maioria é sempre esmagadora: há sempre 96 que alinham da mesma maneira.

Portanto estou a situar-me em vários movimentos de minorias discriminadas e a sua tomada de poder e a sua escalada de poder, (porque é realmente uma escalada de poder a que nós assistimos), e chego assim à década de 60. Ora na década de 60 surge um fenómeno então completamente novo e talvez até mais conhecido, mais vivido pela maioria das pessoas presentes. É que em resultado do aumento da natalidade nos países Ocidentais após a segunda guerra mundial, em resultado duma maior cobertura sanitária nos chamados países do terceiro mundo aumenta a população jovem e começa no Japão - é curioso saber que foi no Japão - onde a escolaridade é mais longa e onde há uma percentagem maior de população jovem, (só em Tóquio há 74 Universidades), começa no Japão um movimento estudantil de revolta contra as estruturas. Esse movimento, como sabem, tem afligido muita gente e é um movimento em que a juventude tomou uma consciência de que se encontra numa condição de tutela porque a aprendizagem no próprio momento em que afinal também os adultos deveriam descobrir <sup>que</sup> toda a vida é uma etapa de aprendizagem e que rejeitam justamente pela incoerência que aí encontram, que rejeitam fazer parte da sociedade, rejeitam essa sociedade ao mesmo tempo que sentem que são dominados pelos modelos que a sociedade lhes impõe.

Dáí, como sabem, por exemplo, em França, surgiu uma importante reforma pedagógica (cujas coordenadas podemos aceitar ou não) e surgiu também um tipo de Cultura nova, um novo tipo de relações entre professores e alunos. Evidentemente isto significa, traduzido em bom e barato português, que algumas Faculdades começaram a funcionar em Fevereiro, mas isso é um problema nosso, aqui da nossa insularidade, deste jardim à beira-mar plantado, mas não me parece que venha tirar força, venha tirar importância ao movimento que é sério e que contribui para uma tomada de consciência e para a formação de Cultura nova.

Ora é na sequência destes três movimentos de libertação das massas trabalhadoras, dos povos de cor, da juventude, que se gera, no fim da década de 60 e no princípio da década em que estamos, aquilo que se costuma chamar nos Estados Unidos um movimento de libertação das mulheres.

Ora que força nova é que esse movimento vem trazer, se é que vem trazer alguma? E há quem diga - e já agora extrapolando esta brevíssima análise que estou a fazer - da mesma forma que poderemos caracterizar as décadas passadas sumariamente e apenas nas suas tendências pelas linhas que indiquei, a década de 70 seria a década da mulher.

*4) os movimentos de libertação deixaram de lado a m*

Ora, descobre-se no entanto, que o movimento de gradual libertação das massas operárias, iniciado ou revolucionariamente, ou pela tal luta de classes em regime capitalista com a luta dos sindicatos como produto do regime capitalista, verifica-se que essa libertação das massas operárias não atingiu as mulheres.

Em todos os países do mundo de que são conhecidos dados reais (excepto o Bloco Soviético e a China, cujos dados apenas são conhecidos em determinados sectores, são sempre filtrados mesmo para a informação, em princípio neutra das Nações Unidas), as mulheres são sempre e em todos os países do mundo, um sub-proletariado dentro do proletariado, igualmente dominadas pelas classes económica e culturalmente mais favorecidas como dominadoras pelos homens seus companheiros de trabalho. E por isso é que, nos últimos anos, nós vemos nos parlamentos dos países altamente industrializados, o debate duma série de leis que tem como objectivo tentar igualar o estatuto da mulher trabalhadora ao do homem operário, trabalhador.

Assim há uma lei em 1970, uma lei belga, há uma lei inglesa, feita com espírito pragmático e cheia de bom senso que caracteriza os nossos velhos aliados, em 1970, para ser executada em 1975, mas cujas normas subjacentes são já obrigatórias desde 1970 a 1975. Quer di

zer, quando a lei for uma lei taxativa e imperativa ela já entrou no costume do povo (isso, aliás, está na estrutura da mentalidade inglesa). Há também uma pequena lei, uma pequena emenda americana à Constituição no sentido de tornar explícita a igualdade de tratamento entre a mulher e o homem no mundo do trabalho.

É interessante salientar aqui que em todo o mundo Ocidental este problema é tanto mais real quanto para os Sindicatos, por exemplo, o problema da mulher e da remuneração do trabalho feminino é um dos problemas de reserva. Os Sindicatos funcionam com patamares de reivindicação: ora, hoje será o aspecto do salário, amanhã será o aspecto de segurança no trabalho, depois será de novo o aspecto de previdência social e assim sucessivamente - por patamares tendentes a resolver o conflito de classes na estrutura em que os Sindicatos os têm. Ora em todos os países os Sindicatos mantêm o problema da mulher no trabalho como problema de reserva. É aquele que eles guardam para quando não tiverem nenhum para resolver. É claro, como há imensos para resolver ele nunca chega a ser realmente debatido. Portanto isto ao nível de libertação, se quiserem, das massas operárias.

Do outro movimento que citei a seguir, localizando-o agora num espaço geográfico largo, o que se verificou foi que no próprio seio dos movimentos pelos direitos cívicos dos negros nos Estados Unidos e em que houve e há ainda exemplos de uma dedicação espantosa da parte de mulheres que quebraram barreiras, amarras de todos os tipos, para poderem, de facto, darem àqueles 22 milhões de negros, condições, ao menos, iguais às do branco trabalhador; a mulher acaba por descobrir-se objecto de discriminação: são-lhe exigidas certas tarefas, negadas outras, e até algumas delas, uma senhora que está um bocado à frente dos movimentos de libertação, que é uma dos partidos com mais interesse nos Estados Unidos, serviu durante 5 anos no Movimento de libertação dos negros como dactilógrafa. dos artigos que um senhor qualquer, branco ou negro, não interessa, tinha escrito.

É que nem sequer passava pela cabeça das pessoas que a sua pena tivesse valor que pudesse servir para a própria causa do movimento em que ela estava envolvida.

Nos países que acederam à independência, recentemente, portanto países chamados do terceiro mundo, constituídos em geral pelos povos de cor, esse problema é absolutamente geral, e a discriminação da mulher, a mulher está sempre abaixo do homem, não só ao nível dos salários como ao nível do acesso, a educação das liberdades fundamentais, etc.

Em no terceiro movimento de libertação, no movimento estudantil, tive ocasião de ouvir e de conversar com algumas estudantes francesas, um ano após a revolução de Maio de 1968 e essas estudantes diziam-me: não, já não estamos envolvidas no movimento estudantil. Pareceu-me uma certa inconstância feminina, assim numa primeira abordagem e a certa altura dizia-me uma delas exprimindo o que as outras pensavam: que a função delas era "servir" o café, "faisse l'amour de soir". É nesse contexto de objecto, cómodo, agradável, de trazer o café no momento em que o servo masculino, altamente prestigiado, está em exercício e não pode interromper a sua ocupação, é nesse momento que a mulher é desejada ou naturalmente a "faisse l'amour de soir".

A mulher permanece assim à margem dos movimentos em que ela própria participou e não beneficia desse processo, em nenhum desses movimentos.

Passando desta análise de conversa para o nível institucional, internacional, é curioso verificar que a Comissão sobre o Estatuto da mulher, existente no seio das Nações Unidas, e que faz parte da Comissão dos direitos dos homens, seguiu nos seus trabalhos, nas suas diferentes manifestações, etapas que são de certa maneira paralelas.

que

Essa Comissão, nasceu logo no início, 1947 ou 48, portanto logo no início do funcionamento das Nações Unidas, teve uma primeira etapa de formulação de direitos básicos: direito de voto neste momento são 61 ou 74 países que já deram o voto às mulheres e o número será cada vez maior); o estabelecimento de uma idade mínima para o casamento, a igualdade de oportunidade na comissão de trabalhos, etc. Uma reivindicação portanto de direitos fundamentais.

Há depois uma outra época, uma outra fase, resolvidos portanto ao <sup>no</sup> menos nível teórico esses problemas de igualdade jurídica, uma época, que começa entre 63 e 65, em que se desenham no seio das Nações Unidas, e nesta Comissão em particular, duas linhas: por um lado, uma linha que tenta estabelecer o que se chama um progresso unificado para o progresso das mulheres e que, enfim, bem, nessa altura ainda, com certo tom paternalista das Nações Unidas em relação ao terceiro mundo, tinha sobretudo como objectivo os países do terceiro mundo e uma outra linha, a que se chama, então, de participação da mulher na vida económica e social. Em 1966, o Secretário das Nações Unidas faz uma consulta a todos os governos sobre o grau de participação da mulher na vida económica e social através de vários índices e de quais limites nessa altura se estavam processando. E mais estimula e incita os vários governos a criarem a plano nacional comissões nacionais para a <sup>integração</sup> ~~integração~~ da mulher no desenvolvimento nacional.

Isso foi imediatamente seguido pelos países do terceiro mundo e foi seguido com formas diferentes, segundo a sua estrutura política, já muito individualizada, pelos países ocidentais.

Mas logo a seguir a esta época e neste momento esta Comissão está reunida em Genebra (Portugal não está representado porque a Comissão tem um número limitado, 32 membros e além dos chamados cinco grandes, todos os outros lugares são relativos), e nesses trabalhos nota-se já o despertar duma época nova que não é já o da reivindicação de direitos, não é já o de fomentar a entrada da mulher na vida económica e social porque isso é já uma coisa adquirida na sociedade contemporânea, mas é interrogação de tipo diferente, uma interrogação que a certa altura a delegada da Polónia formulava assim: 'que serviços prestam, de facto, as mulheres, hoje, à sociedade?'

Como é que as mulheres são agentes de transformação de sociedade? Ou, em outros termos

II) Condicionais particulares à situação actual  
Que força cultural representam as mulheres nas sociedades contemporâneas?

Ora, são estas interrogações que permanecem no ar e a que se responde de forma diversa consoante o condicionalismo particular das várias situações. Vou passar muito rapidamente em revista alguns condicionalismos dessa situação actual em várias latitudes. E justamente porque falei, há pouco, em movimentos de libertação das mulheres (e não sou de modo nenhum propagandista de movimentos de libertação, pelo contrário, estou apenas a fazer uma análise dum facto sociológico, não é esse ponto de vista em que me situo, pessoalmente, é outro), interessa-me analisar em primeiro lugar a situação da mulher americana, e porque é que nasceu na América o movimento de libertação das mulheres.

Contrariamente ao que os filmes americanos dizem e ao que uma certa propaganda também diz, a mulher americana não é de facto aquilo que nós imaginamos, de poder, de capacidade de decisão. É verdade que ela é possuidora de bens, mas por uma razão muito simples: é que tanto na América como na Holanda e na Suécia, a política fiscal é uma política feita sobre o casal como um unidade. E como é uma política fiscal progressiva, não interessa nada ao casal com muitos bens ser tributado pela soma dos bens dos dois, daí que nos Estados Unidos tenham um sistema em que a mulher tenha, possua bens e o marido possua bens.

Na Holanda, por exemplo, isso ainda não foi conseguido e é uma das tentativas da acção das mulheres neste tempo; explica um fenómeno muito curioso na Holanda que é a percentagem extremamente baixa no mundo das mulheres casadas trabalhando fora de lar, uma percentagem de 7%, que é a mais baixa no mundo inteiro, mas que se explica por isso, (Uma vez um amigo meu holandês dizia-me: "não sou suficientemente rico para me dar ao luxo de ter a minha mulher a trabalhar"!!!).

A mulher americana não é essa pessoa onnipotente, detentora do nível que o cinema e uma certa literatura trouxe até nós, mas é realmente um ser muito isolado. Muito isolado nos subúrbios, (a mulher começou a tomar consciência da sua situação de segregação em relação ao resto da sociedade) completamente isolada sem nenhum convívio exterior e dentro de esquemas muito rígidos, apesar da liberdade americana; esquemas muito rígidos, com portamentos de relações.....

A mulher da classe média, geralmente com uma certa escolaridade, escolaridade que na América é pelo menos a Escola Secundária, mesmo uma certa aptidão técnica, vêm-se relegadas para uma situação de segregação institucionalizada e forçadas a banalizar e a futilizar a sua própria vida na medida em que a sua vida social, além do convívio, pelo menos o convívio que têm com os filhos na 1ª infância, se faz numas relações mundanas - aliás, um filme muito interessante sobre a vida em grupo em Nova York, descreve <sup>isso</sup> ~~duma~~ forma muito viva - dum tédio constante: há uns encontros a que as pessoas vão e as relações passam-se numa superficialidade e numa trivialidade que não pode trazer, senão ao nível do consciente uma angústia cada vez maior até que transborda.

## Fundação Cuidar o Futuro

As estudantes, por seu turno, são particularmente sensíveis à exploração sexual das mulheres e revoltam-se contra a ideia generalizada de que aquilo que lhes cabe na vida, independentemente da competência que vão adquirir, é funcionar como objectos.

É claro que a situação é completamente diferente em muitos outros países, em outras latitudes (não terei tempo sequer de as enunciar, bem gostaria). Por exemplo, nos países árabes verificamos uma tomada de consciência dessa função nova da mulher no mesmo momento em que há uma tomada de consciência da necessidade duma transformação política e há uma série de livros, sobretudo da Argélia e da Tunísia, com imenso interesse ao nível do romance. Teria interesse também debruçar-nos sobre o mito do mundo escandinavo em que nos parece ver uma iugaldade perfeita, mas que justamente, segundo o relatório oficial do governo sueco para as Nações Unidas sobre a participação das mulheres na vida económica e social, o governo sueco diz que o nosso produto nacional, a nossa riqueza disponível aumentaria <sup>50%</sup> - é de 1969 a resposta - se diminuíssem no nosso país as atitudes ~~de~~ discriminação sexual.

E valeria a pena ainda debruçarmo-nos também sobre a situação ou dupla atitude da mulher japonesa, entrando completamente no mercado do trabalho, igualmente, exactamente, como o homem, tornando o Japão a terceira potência económica do mundo, guardando e mantendo como que uma dupla vida em que a tradição de uma sociedade, que enfim, já nos parece completamente ultrapassada, ainda permanece.

Valeria a pena também analisarmos o machismo da sociedade latino-americana e em que medida é que a mulher latino-americana tem consciência disso. Eu atrevo-me a dizer, por uma certa análise sobretudo de literatura e um certo confronto com as pessoas, que me parece ser talvez o continente em que o problema é menos vivo, é menos claro, talvez pela pre

mência de outros problemas.

### Situaçã portuguesa

E voltaremos aqui ao nosso recanto, doce e manso. Evidentemente que tudo o que eu disse atrás sugeriria uma série de interrogações, quer a análise de tabus mal definidos sem uma justificação clara, os tais tabus que permanecem do ontem: a mulher como algo que o homem possui (têm casa, mulher, automóvel, televisão e outras coisas mais) faz ainda parte da natureza dos bens que o homem pode adquirir e o comodismo da própria mulher que ressentido como privação de um direito seu os direitos concedidos a outras mulheres economicamente mais desfavorecidas (haja em vista a conversa normal das senhoras da burguesia sobre a falta de criadas).

O imobilismo da sociedade, portanto, dum sociedade em que cada um tem o seu lugar, em que não se pode mexer nas pedras do xadrez, e o lugar da mulher tem que estar portanto definido porque se alguém mudar de lugar, há toda uma insatisfação, um certo desconforto, toda a gente sente mal.

Faço um parêntesis para dizer que este problema estou a situá-lo em Portugal, mas ele é internacional: sempre que se toca no problema da mulher toda a sociedade se sente mal, porque se toda na situação do homem também. E o homem gosta de ter o seu estatuto bem definido, com os pés na terra, enfim, sabe com o que pode contar, quer tenha 60 anos, quer tenha 20, e esteja a querer a revolução mais radical em Portugal.

## Fundação Cuidar o Futuro

Creio que valeria ainda à pena focar, só em relação à vida portuguesa, a estrutura piramidal do poder - e não estou a referir-me de modo nenhum de forma especial ao poder político, técnico, concentrado portanto nos governantes - do poder tal como ele se encontra difuso e de que todos nós participamos, numa estrutura portanto que leva tudo a ser seriado até chegar ao topo, estrutura essa que impregna ainda toda a família ou pelo menos grande parte das famílias portuguesas: a criança refere-se à mãe e a mãe diz: "isso é com o pai". Ele é o ser sabedor e o juiz daquele pequeno tribunal. É uma certa estrutura concêntrica das relações como me dizia aqui há tempos uma pessoa com certo interesse em Portugal: "não lhe parece que afinal tudo se forma por círculos concêntricos? primeiro a minha família, depois a minha rua, o meu bairro, a minha cidade, o meu país"?

E eu fiquei sufocada! como é que é possível viver em 1972 com uma ideia assim concêntrica da sociedade e como é possível deixar de ver que cada um de nós, e a mulher também, estamos no nó de muitas estruturas, de muitas relações, estamos, se quiserem, na intersecção de muitos planos diferentes, de instituições, de ideias, de grupos, de formas de ver e de sentir diferentes, veiculando portanto simultaneamente responsabilidade e autoridade.

Há uma interrogação que eu queria sublinhar e se eu situei o problema da mulher como força nova no mundo, na sequência de uma série de movimentos de libertação de minorias discriminadas, há uma interrogação que fica de pé: é a de saber

se a descoberta da força nova, que é a mulher, se pode fazer num espaço geográfico dado antes de se terem percorrido as outras etapas ou ao menos não percorrendo simultaneamente outras etapas.

Esta interrogação deixo-a assim em suspenso.  
 2) Corrente filosófica a justificar a situação actual

Queria dizer ainda alguma coisa (e referi-me até agora à inserção da mulher como força nova no movimento sociológico a que dei algumas achegas de ordem cultural, se quiserem, e de ordem institucional), gostaria de acentuar ainda que há também uma corrente filosófica a justificar a situação actual: essa irrupção da mulher como força nova no mundo de hoje. É que também, nos últimos anos, viram nascer, com características novas, uma ciência nova que existia, mas existia com outras características e que é a Antropologia que existia primeiro como estudo de grupos, de determinados grupos étnicos, de comportamentos, enfim, da estrutura anatómica na Nova Zelândia, na Nova Guiné, mas que surge nestes últimos anos como uma ciência inter-disciplinar autónoma. Essa Antropologia vem desfazer o mito do ser humano tal como a Filosofia, todas as Escolas de Filosofia, sempre o tinham encarado e descrito, quer dizer, um ser humano neutro e assexuado. Para a Antropologia de hoje o ser humano só pode ser concreto, sexuado, que só existe numa das duas hipóteses: homem ou mulher. Daí que seja pertinente no nosso tempo o grito que E. Mounier num dos números da revista "Esprit" em 1936: "a mulher também é uma pessoa" ~ Ora, hoje, quase 40 anos depois dessa denúncia feita pelo movimento personalista, e, apesar das conclusões a que conduziram também outras correntes, impõe-se reconhecer que a mulher na sociedade não é considerada de facto como pessoa, apesar de ver enfim ao nível das relações pessoais de amizade, com convívio entre gentes, um certo número de gentes que até poderia levar a "imaginar" que de facto a mulher é uma pessoa... ou que é considerada como tal!...

E assim poderíamos descrever muita coisa ao nível dos comportamentos sociais, e retomando alguns pontos citados atrás: a mulher é preterida no acesso e na promoção do mundo do trabalho, isso não causa perturbações a ninguém, é normal; a experiência unânime das mulheres seriamente empenhadas no mundo do trabalho e em que o seu rendimento tem de ser superior ao dos homens para assegurar a sua própria sobrevivência, o seu próprio estatuto dentro do mundo de trabalho em que se movimentam; haveria ainda que notar que em variadas circunstâncias da vida social ou mesmo mundana de relações, ainda ontem, aqui no Porto, com gente nova, me faziam notar isso, se produz uma separação de sexos em que os homens se imaginam com um ar de que está falando de coisas sérias, às vezes comentários do que sucedeu no desafio da véspera e em que as mulheres se vêem a si próprias conversando daquilo que hipoteticamente lhes cabe falar: de modas, de escolas, exames, a casa, enfim, do custo da vida que está cada vez pior...

Evidentemente que as soluções e esta separação é diferente consoante as la-

titudes e justamente ontem com quem estive, fazíamos uma reflexão a propósito do lugar dos clubes masculinos nas civilizações anglo-saxónicas. Acontece que no mundo anglo-saxão quando se está no tempo livre, está-se no tempo livre. E quando se está no mundo do trabalho está-se a trabalhar. Ora acontece que à medida que se caminha para os trópicos e para o mediterrâneo, essa distinção entre o trabalho e tempo livre começa a ser muito mais ténue. De maneira que o que acontece é que muitas vezes o local de trabalho é um club masculino interessantíssimo, lê-se o jornal, precisa-se estar bem informado daquilo que se passa - e a mulher coitada, aí tem de trabalhar. É claro que de modo nenhum eu quero iludir o problema, todos nós temos experiência disso, do mundo enorme de mulheres - enorme relativamente da nossa população que trabalha - a população feminina economicamente activa em Portugal é apenas de 16% da população total feminina e constitui 21% da população economicamente activa. - portanto, nem sequer há uma percentagem muito elevada. Podíamos ainda falar ao nível da legislação como é que se traduz esse não ser pessoa ou não ser reconhecida como pessoa, uma convicção inconsciente e generalizada de que a mulher carece de protecção, é um ser menor, e daí que muitas legislações - e não só no nosso país, de novo insisto, mas mesmo nos países mais modernos - incluem no domínio relativo ao direito do trabalho as mulheres e os menores no mesmo capítulo.

Isso teve uma origem, uma origem que enfim de protecção, de protecção legítima às mulheres e às crianças no trabalho das crianças em Inglaterra no fim do século XIX. Mas o que é facto é que estamos já em 1972 e isso continua a existir. Haveria ainda que falar da influência do Código napoleónico que conduz no caso português a um estatuto reduzido da mulher casada, quer quanto à educação dos filhos, quer quanto à administração dos bens, à capacidade contratual no mundo do trabalho. Para mim foi uma surpresa a descoberta de que a mulher tem capacidade de fazer contrato de trabalho habitual. Ótimo, mas a seguir vem uma excepção: a não ser que a mulher seja funcionária pública, mesmo que esteja a servir o Estado e o Estado assim está a proteger-se a si próprio; ou que realize uma actividade intelectual e essa actividade intelectual é no mundo do trabalho 1,1% das mulheres que trabalham, o contrato de trabalho da mulher pode ser rescindido pelo marido automática e simplesmente.

Ao nível das imagens sociais haveria ainda a diagnosticar uma civilização que um teólogo protestante americano chamou de civilização - não temos palavra que traduza esta adequadamente - da rapariga ou da mulher no sentido de certa maneira, pejorativo. Isso, enfim, era o lugar comum, vou apenas repetir o que estamos habituados a ver quotidianamente, a mulher como agente de publicidade: se querem vender uma marca nova dum carro, se querem vender uma cerveja, uns cigarros, evidentemente, tudo isso é apresentado por uma mulher com tudo aquilo que neste momento aparece perfeitamente como sedutor e susceptível de atrair o interesse do comprador.

É claro que aqui conviria fazer um parêntesis e dizer que há já neste momento uma mudança para utilizar também o homem, o homem masculino, como instrumento de pu

blicidade e mais ainda uma outra tendência para utilizar a criança como último recurso, como instrumento da publicidade.

Portanto, de certa maneira essa imagem publicitária da mulher objecto por aquilo que evoca no homem.

Haveria ainda que falar da mulher como consumidora, portanto, não como pessoa, apenas como aquela que compra, e fazer apelo dos mitos ancestrais.

Tem sabor "trovadoresco" aquele anúncio do mais poderoso. Realmente aquele homem com a sua armadura e com a sua lança, a cavalo, vem de facto acordar na mulher compradora aquilo que está nela de resíduo da época trovadoresca. Como aquele outro anúncio de princesa, de mãos belas que aparece lá numa varanda e que se vai aproximando lentamente, traz os resíduos da época romântica e a mulher não pode resistir a ver-se retratada dessa forma e imediatamente vai comprar.

Ora este tipo de relação entre homem e mulher permanece a mulher num estado de parte da natureza, um elemento de certa maneira misterioso, que o homem não pode perceber e que permanece outro em relação ao homem, e a sua relação ao homem pode dizer-se, faz parte desse domínio quase mítico da natureza, é quase idêntico ao que existia na idade da pedra, se é que a gente sabe como seria o homem na idade da pedra.

## Fundação Cuidar o Futuro

E sabemos que, mais tarde, o homem na idade do bronze e depois na idade do ferro - é curioso notar que a idade do bronze coincide também com a revelação de Deus aos homens, como a história de Abrãã - no momento em que o homem começa a dominar a natureza e, se ainda guarda um vestígio mítico de que revestia o acontecimento da fecundidade da mulher, ultrapassa-o tornando a mulher como fazendo parte dos seus bens; que ele conduz, governa, leva dum sítio para o outro como levá o seu gado, os seus criados e que lhe dá um estatuto às portas da cidade, como diz lá o Livro da Sabedoria.

Ora olhar a história da revelação da Bíblia, na descoberta desse processo que conduz da posse do homem uma mulher que é apenas um dos muitos bens que o homem possui, à total reciprocidade de pessoas humanas que Cristo instala definitivamente e de que é entre muitos outros, o diálogo com a samaritana junto do poço, diálogo tão simples e ao mesmo tempo tão íntimo, um gesto que é quotidiano e que pertence, pertencia justamente a esse universo extremamente simplificado em que essa mulher vivia, ora tentar olhar essa história da Revelação é uma lição significativa para os nossos dias, porque também hoje o homem se encontra num processo de descobrir formas novas de dominar a natureza: formas mais subtis, mais complexas e, poderíamos dizer, mais espirituais na medida em que fazem mais apelo à força espiritual do homem, esta força intelectual, afectiva, etc. do que à sua força física. Mas ainda nesta sociedade, cansado, porque enfim, sobre ele pesam responsabilidades neste mundo em que vai à Lua, ainda muitas vezes vem encontrar na mulher o

reposo do ~~conhecimento~~ <sup>guerreiro</sup> e portanto esquecimento dos obstáculos da luta que tem de travar com a natureza e daí as mil e uma formas daquilo que já se chamou a "prostituição planificada e científica" oferecida ao homem por uma civilização que através da moda, do cinema e de todas as sollicitações eróticas, mantém a mulher no seu estado de alteridade, de outro, desconhecida e portanto de não reciprocidade.

## 2) Binómios de definiç

Parece-me estar ainda em causa, para uma análise mais adequada desde ponto de vista antropológico, os vários termos em que ela é definida e em que ela se encontra como pessoa humana. Não vou entrar nesse capítulo, quero apenas enunciá-lo, é que me parece que a mulher hoje, e por isso é que é uma força nova no mundo, quer descobrir a sua vocação de pessoa humana que é necessariamente transcendente às situações que vai vivendo. Ora, ontem, no jornal "Primeiro de Janeiro", vinham duas notícias que chamaram a atenção: dum lado vinha uma afirmação, aqui dentro no nosso país, de que a vida profissional, política não afaste a mulher da sua função de esposa e mãe; e do outro lado, não sei se propositadamente, se por acaso, vem a senhora P. Nixon a experimentar comer arroz com os pauzinhos dos chineses e os chineses a rirem!... Ora aqui temos uma ilustração muito interessante da confusão que se estabelece em muitos de nós entre o que é uma vocação profunda e o que são a multiplicidade das vocações e portanto das funções que a mulher é chamada a desempenhar e por isso creio que importaria definir, - mas não tenho já tempo, - três binómios que são completamente diferentes:

1º binómio - em que se situa a definição da mulher como pessoa humana que vai duma vocação a uma missão, e portanto, refere a mulher ao elemento mais transcendente da sua própria existência;

2º binómio - função, - e funções são muitas, - e a mulher tem uma função ou várias funções aos 15, aos 20, aos 30, 40 ou 60 anos e terá várias funções simultaneamente conduzindo a tarefas diferentes. E ainda, e será o 3º binómio, conviria distinguir entre a imagem social que determinados grupos têm da mulher e que a mulher recebe e em que se vê retratada e portanto o papel que ela julga que tem de desempenhar. Ora esta distinção que é muito cartesiana mas que é boa para arrumar as ideias, ajudar-nos-ia a não fazer confusões do tipo que aqui vem anotado.

Na vocação se integram as variadas funções que a mulher é chamada a viver em épocas diferentes da vida. E na vocação fundamental da mulher como pessoa humana se sobrepõem diferentes imagens, de épocas diferentes, que a sociedade lhe vai dando dando de si mesma. Daí a necessidade que a mulher tem para viver essa vocação que é sempre transcendente, porque sempre se refere ao seu destino último, de ser humana; que ela tem de fazer uma triagem de hierarquia de funções e de significado das imagens que a sociedade lhe dá.

O mais grave numa leitura cronológica da situação é descobrir, apesar de tudo isto que eu estive a dizer, e que contribui para que a mulher não seja pessoa, é descobrir que a mulher se sente bem em tais condições. A mulher sente-se bem no

malmente porque não tem que se decidir, porque numa sociedade, mesmo numa sociedade como a nossa, dita multi-racial e em que eu tento ver quais são as consequências dessa multi-racialidade (parece que uma delas foi a multiplicação dos sobas) e significa que a mulher, ao sentir-se sobrecarregada, justamente por causa dessa consequência, sente-se aliviada quando pode deixar para outros o cuidado de pensar, de escolher e de decidir.

### Componentes de força nova e a m pode ser

Ora, quais são então as componentes fundamentais desta força nova que a mulher pode ser?

1) Eu fico sobretudo numa atitude de análise, de certa maneira superficial. Parece-me que as componentes da força nova são uma originalidade da sua maneira de estar e de ser na sociedade, de certa maneira; e agora faço um paralelo com o que disse no início - idêntico ao dos países em desenvolvimento que tendem a seguir o modelo dos países altamente desenvolvidos do ponto de vista económico esquecendo-se que o que têm é descobrir a sua própria originalidade e os seus problemas próprios, e portanto, estão cada vez menos desenvolvidos, estão cada vez mais longe dos países altamente industrializados - o problema é absolutamente paralelo e idêntico - e tem, para encontrar essa originalidade, a mulher precisa de uma racionalização da sua existência, portanto de uma crítica e de uma revalorização daquilo que é o seu processo de viver.

## Fundação Cuidar o Futuro

Precisa de tomar consciência do carácter pioneiro também, que lhe cabe como mulher. Se é verdade até que este movimento se encontra no seguimento de outros movimentos históricos, então é natural que a mulher possa trazer à sociedade em que vivemos, como força, elementos novos. E cito só alguns que me parecem ser indispensáveis:

O conceito que se chama hoje do trabalho a tempo integral, não é o trabalho a tempo inteiro nem o trabalho a tempo parcial, é o reconhecer que cada tarefa tem um tempo, que é um tempo determinado, em que o rendimento é máximo, por exemplo relativamente ao trabalho de carácter intelectual. Mais de cinco horas por dia é melhor "bluf" (Não há ninguém que seja capaz de criar mais de cinco horas por dia, todos nós sabemos as "escapatórias" dos serviços, assinar uns officios, rever umas coisas, arrumar uma gaveta, enfim, quando trabalhei na indústria, os engenheiros a seguir ao almoço (andar uma volta pela fábrica quando tudo está automatizado). Enfim todas estas fugas que encontramos na sociedade.

Mas, enfim, se a mulher tiver coragem, não de ir repetindo aquilo que o homem estava a fazer, mas sim procurar justamente esse tal conceito de trabalho a tempo integral, creio que alguma coisa poderá mudar. Se ela for capaz de descobrir uma certa criatividade no tempo de "lazer" e não se deixar apenas nas formas tradicionais, se for capaz também de utilizar então o tempo de trabalho como trabalho sério e por aí fora, eu creio que ela estará em condições, tal como os movimentos

2) sociológicos se define de trazer alguma coisa ao mundo contemporâneo. É necessário que ela tome consciência quer da sua situação quer da situação de opressão, que é assim porque ela quer, porque o opressor está interiorizado na imagem que a mulher tem daquilo que é ou deve ser.

Há uma como que colonização que se faz, com a aquiescência dos colonizados, e surge daí a dialéctica - opressores, oprimidos - dentro da própria mulher, dialéctica essa que terá que levar a fugir à tentação de se tornar por seu turno um opressor, que nós encontramos muitas vezes nas mulheres a quem incumbe um certo poder nesta ou naquela instituição.

3) O terceiro elemento dessa tomada de consciência, será uma consciência colectiva numa sociedade que está viciada pelo individualismo, uma consciência que eu diria quase de ~~base~~ <sup>base</sup>, não digo quase, necessariamente, isso parece encerrar as mulheres num compartimento, mas uma consciência colectiva de comunhão de destinos, conduzindo assim à possibilidade de acções comuns dentro de pluralismo de movimentos e situações.

4) E finalmente a consciência de que a libertação da mulher é um processo em que a mulher é o sujeito desse próprio processo, que não há ninguém que venha trazer de fora essa força - ninguém vem tornar as mulheres essa força nova. São as mulheres que pelo esforço do Fundação Cuidar o Futuro actuante. Eu gostaria de vos ler 2 poemas que todos conhecem muito bem, que são de António Gedeão, que traduzem à minha leitura, as duas opções ou os dois grupos sociais que lançam uma interrogação às mulheres e aos homens de hoje.

Quais são aquelas ou qual é a situação de facto que existe no nosso país, ou temos nós o direito de ver a primeira situação que vou ler esquecendo que a segunda também existe?

Eu vou ler o "Poema da Auto-estrada" e parte do poema da "Calçada de Carriche".

\* \* \*

\*

## I parte - A gênese da nova força

O tema que escolhi para o Colóquio de hoje - "A Mulher uma nova força no mundo de hoje" - presta-se a uma grande diversidade de interpretações. O caminho que vou tomar é o da análise da sociedade no seu conjunto, nos elementos globais que a definem em diversos momentos históricos. Num primeiro tempo - nesta introdução ao Colóquio que depois terá lugar entre nós - não tocarei o problema particular da Mulher na Igreja. Penso que a Igreja é uma das formas de "associação" dos homens no mundo de hoje - ela é, por excelência, a comunidade dos homens! - e, assim, a ela se aplicariam algumas conclusões da análise que faço relativamente à sociedade. Para além dessa aplicação, haveria ainda que analisar a situação da mulher na Igreja ao nível do dinamismo interno da Igreja.

Não é por acaso que escolhi para tema deste Colóquio a "nova força" que a mulher representa no mundo de hoje. A literatura internacional, até a nossa imprensa - por muito escamoteada que seja - vão-nos dizendo que, desde há alguns anos, há uma irrupção de uma preocupação nova, há um mal-estar social que toma nomes diferentes em diferentes latitudes e em diferentes idades ou mesmo em diferentes estratos sociais. Fala-se assim, para uns, de "revolução sexual"; em outros sectores, fala-se de "movimentos de libertação das mulheres"; fala-se ainda aqui e ali de "novo estatuto da mulher".

Ora, a meu ver, nenhum desses acontecimentos ou fenómenos descreve adequadamente o movimento da história a que estamos a assistir, ou melhor, em que de algum modo participamos. Quer queiramos quer não, conscientes ou indiferentes, todos nele participamos ou como motor ou como travão.

E isto, porque há problemas na história e na evolução dos acontecimentos que, por definição, não são neutros. Tudo o que diz respeito à irrupção da mulher como força nova no mundo de hoje, não é um acontecimento neutro à margem do qual possamos passar com ironia ou indiferença considerando-o vestígio de outras formas - reivindicativas para uns românticas para outros - que tenhamos conhecido. Daí a importância de discutirmos o problema, de fazer um inventário dos seus epifenómenos e das suas motivações.

Neste contexto, o que vou dizer esta noite aparece sobretudo como uma reflexão muito sumária do muito que haveria a dizer. Trata-se de descobrir uma plataforma para um encontro e um confronto de pensamentos e experiências que ajudem a racionalizar o problema.

Porque problema há: essa seria a minha primeira afirmação. É porque a racionalidade se impõe; tal é a via que se nos oferece para fazer face a um problema. Definimos problema toda a circunstância em que há um paradoxo lógico aparente ou, em outros termos, sempre que uma situação nos aparece sem saída. Se assim não fôra, a situação não seria problemática: seria objecto de opinião, de discussão, de descrição, mas nunca de equacionar de um problema. Ora na medida em que há paradoxo lógico aparente há problema e, se há problema, há uma via de racionalidade a percorrer. Farei - como aliás já estão a perceber pelo tom em que estou a falar - algumas afirmações com uma certa aparência dogmática. Sujeite-me a essa aparência pelo desejo de não sobrecarregar um colóquio

como este, que é também momento de convívio, com intermináveis roda-pé que justificariam e documentariam cada uma das afirmações que estou a fazer.

1) Situação histórica em que se insere a irrupção da mulher na vida contemporânea

Quando se fala hoje da mulher como uma nova força no mundo não se está, como poderia parecer à primeira vista, a percorrer plácida-mente uma segunda etapa do movimento que foi chamado de "feminismo" e que caracterizou as primeiras décadas deste século.

O feminismo, embora muito ridicularizado - todos temos deante dos olhos a imagem que veio até nós em fotografias ou filmes, senhoras da Belle Époque fazendo manifestações nas ruas de Inglaterra e debatendo-se ferozmente com a polícia - foi uma estocada violenta no mundo desumano do princípio da época da industrialização (estocada com uma repercussão muito mais ampla do que a simples questão da mulher, na medida em que chamou a atenção para a verdadeira escravidão em que milhões de seres humanos então viviam.

No entanto, o feminismo foi muito mais longe nas suas aspirações do que o estabelecimento de um princípio de igualdade de direitos entre os homens e as mulheres na vida cívica. O voto ~~foi~~ para a mulher foi um dos seus objectivos mais concretos, ideia que ganhou rapidamente nos países de origem germânica ou anglo-saxónica, mas que exigiria duas guerras mundiais para que, num dos países mais liberais do mundo, a França, fosse finalmente reconhecido à mulher o direito de voto (quando De Gaulle se dirigia à nação com o enfático vocativo "francaises, français" tinha bem consciante que fora um dos primeiros actos do seu Governo logo a seguir à 2ª. guerra mundial deu cidadania política aos 52% da população do sexo feminino.

Foram necessárias ainda convulsões muito maiores para que esse objectivo do movimento feminista transpusesse os Pirinéus e viesse, em 1969, a traduzir-se na concessão à mulher portuguesa do direito de voto em situação de quase-igualdade com os homens. Digo de quase-igualdade porque, se é certo que as comunidades se estruturam a partir das suas células no caso do direito administrativo português, essas células são as comunidades locais "governadas" pelas Juntas de Freguesia, em que os presidentes só podem ser eleitos pelos chefes de família.

Apesar de podermos falar em termos de cidadania política quando falamos da mulher como força nova, quero tornar bem claro que não estamos hoje de modo nenhum a situarmo-nos na sequência do movimento feminista. A maior parte da minha exposição vai tentar dizer porquê: a irrupção da mulher como força nova no mundo situa-se, em meu entender, em outro enquadramento. Situa-se no seguimento de um movimento muito mais amplo de toda a humanidade que te, simultaneamente, características sociológicas a apoiá-lo e elementos filosóficos a justificá-lo.

Qual será, então, esse enquadramento de ordem socialógica mais amplo do que o movimento feminista do princípio do século?

## 2) A condição de mudança da sociedade

Estamos, antes de mais, a viver numa sociedade em mudança, que é percebida de forma mais ou menos dramática consoante o ritmo do progresso, consoante a disparidade dos vários extractos sociais, consoante a capacidade de absorção que têm os povos e as populações de captarem aquilo a que já se deu o nome de "choque do futuro". A mudança percebe-se nessa irrupção dentro do presente dum futuro com características totalmente diversas e quase não imagináveis a partir do presente - uma solução de continuidade, uma rotura entre aquilo que é hoje e aquilo que virá a ser. Trata-se, nesta sociedade em mudança, do choque entre um ontem que se esvazia mas que quer a todo o custo permanecer e um amanhã que ainda está por consubstanciar. Pertencem a esse ontem valores, atitudes, modelos de comportamento, expectativas, que embora abaladas já nos seus alicerces revelam o seu vazio de significado para o hoje que vivemos e que, apesar de tudo, querem permanecer. Aí se enraiza o travão de mudança - um travão que é tanto mais forte, tanto mais violento, tanto mais dominador, quanto menos claro aparece o amanhã que se receia.

Por outro lado, pertencem a esse amanhã uma terminologia, novos modelos de comportamento e todo um clima que se pode dizer anarquista. ~~XXXXXXXXXX~~ Anarquia, porque ainda nada está definido, porque domina a negação daquilo que é hoje e isto com tanto mais violência quanto mais se pressente, sem poder verbalizar, o amanhã, ~~XXXXXXXXXX~~ Ora, nessa forma muitas vezes violenta de dizer negativamente o amanhã, portanto de ainda não o dizer, não o verbalizar, não lhe dar forma nem substância, aí toma forma, de certa maneira, ~~XXXXXXXXXX~~ outro travão de mudança.

### Fundação Cuidar o Futuro

É nesta passagem de um ontem que só já tem forma residual para um amanhã que ainda não sabe definir os seus contornos, é aí que eu situo a questão da mulher no mundo de hoje. O sentido de novo força que a mulher representa no mundo está potencialmente presente nesta passagem de um tipo de mundo a um novo tipo de existência.

É legítimo que neste momento me interpelassem e me dissessem: "Mas em que consiste essa mudança tão radical?"

Em duas pinceladas queria apenas lembrar que é nos últimos dez anos que se universalizaram as conquistas de grandes domínios do pensamento e da experiência vivida dos homens em sociedade.

Assim, é importante acentuar que ao nível da estrutura da pessoa humana é na última década que se divulga, se torna popular, fica ao alcance de toda a gente, torna-se parte da nossa cultura e da nossa maneira de ver a vida, uma concepção pós-freudiana do homem (uso esta expressão porque não se trata de uma interpretação freudiana restricta mas daquilo que, depois de Freud, foi verificado, descoberto e corrigido).

que queiramos que não, conscientes ou  
 indiferentes ao problema, todos ~~se~~ nele  
 participamos ou com maior ou com menor  
 êxito, porque há problemas de história e  
 de evolução dos acontecimentos que, por  
 definição, não são ventos. Tudo o que dit  
 respeito é erupção de mulher com força na  
 no mundo de hoje, não é um acontecimen  
 vento é maneira de que passamos passar  
 com ironia ou indiferença, considerando  
 vestígio de outra forma - reminiscência  
 para um romantismo para outra - que  
 tentamos conhecer. Daí, a importância  
 de discutirmos o problema, de fazer um  
 levantamento dos seus epifenômenos e  
 das suas motivações. //

Fundação Cuidar o Futuro

Nesse contexto, o que não de ter este  
 vale a pouco solidão como uma reflexão  
 muito humana de muito que venha  
 a dizer. Trata-se de discutir um problema  
 por um cuidado e um cuidado  
 de pensamentos e experiências que  
 apudem - racionalizar o problema. //

Porque problema há: esse seria a única  
 primeira afirmação. E porque a racionalidade  
 tende a se unir: tal e tal que se nos  
 oferece para fazer face a um problema.  
 Definimos problema ~~por ser~~ toda a  
 circunstância em que há um paradoxo  
 lógico aparente ou, em outros termos,  
 sempre que uma situação nos aparece  
 sem saída. Se assim não for, a situa-  
 ção não seria problemática: seria  
 objecto de opinião, de discussões, de  
 descrição, mas nunca de especulação  
 de um problema. De medida em  
 que há paradoxo lógico aparente há problema  
 e, se há problema, há uma via de  
 racionalidade a percorrer. Fazer -  
 como aliás já estão a fazer pelo tom  
 em que estão a falar - algumas afir-  
 mações com uma certa aparência  
 dogmática. Supe-lo-me a esse respeito  
 pelo desejo de não ser acusado por um  
 calópnico como este, que é também mo-  
 mento de convívio, com intermome-  
 ntes notas em nota-pé que justifi-  
 cam e documentam cada uma

Fundação Cuidar o Futuro

GRAAL

Alameda Santo António dos Capuchos, 4 - 5º. Tel. 56 09 85  
Lisboa 1

Lisboa, 15 de Julho de 1972

Caro(s) amigo(s),

Estará de passagem em Lisboa, nos próximos dias 18 e 19 de Julho, o mexicano Oscar Nunñez, que veio a Madrid participar numa sessão internacional sobre "Fé Cristã e Transformação Social na América Latina".

Oscar Nunñez é um dos muitos cristãos latino-americanos que nos últimos anos têm procurado trazer à reflexão teológica os dados de uma "praxis" social verdadeiramente evangélica e, portanto, libertadora.

A sua experiência no México - onde trabalha sobretudo com grupos de "conscientização", segundo a pedagogia de Paulo Freire - bem como a experiência da sessão internacional em que acaba de participar em Madrid, serão para nós do maior interesse.

Nos dias 18 e 19, às 21.30 h, Oscar Nunñez estará no Centro do Graal - Alameda de Santo António dos Capuchos, 4 - 5º., disposto a partilhar connosco as suas experiências.

Agradecemos a todos os amigos que queiram participar neste encontro que o comuniquem para o telefone 56 09 85, a fim de podermos saber com quantas pessoas deveremos contar.

Aguardando a vossa resposta, envia as melhores lembranças a

Teresa Sta. Clara

da opinião, que estão a fazer.

1) Situação histórica em que surge a emancipação da mulher na vida contemporânea.

Quando se fala hoje de mulher como uma nova força no mundo não se está, ~~de qualquer~~, como poderia parecer à primeira vista, a pensar placidamente numa segunda etapa do movimento que foi chamado de feminismo e que caracterizou as primeiras décadas deste século. **Fundação Cuidar o Futuro**

O feminismo, embora muito ridicularizado todos os tempos diante dos olhos a mulher que veio até nós em fotografias de filhas, senhoras de Belle Époque prendendo variados laços nas ruas de Inglaterra e de Latónia e finalmente com a falácia — foi uma estocada violenta ~~no~~ no mundo desumano do princípio de época de industrialização.

(Estocada com uma repercussão muito mais ampla do que a simples questão de mulher, na medida em que chamou a atenção para a verdadeira revolução em

que milhões de seus homens entocuriam //

No entanto, o feminismo não foi muito mais longe nas suas ~~as~~ aspirações do que o estabelecimento de um princípio de igualdade de direitos entre os homens e as mulheres no nível ético. O voto para a mulher foi um dos seus objectivos mais concretos, e de facto que se tornou realidade no país de origem que também se tornou realidade em outros países, mas que exigiu duas guerras mundiais para que, num dos países mais liberais do mundo, a França, fosse finalmente reconhecido o direito de voto (quando de Gaulle se dirigiu à nação com o exortativo vocativo "françaix, Françaix" tinha bem consciência que se tratava um dos princípios básicos de seu futuro plano a seguir e 2º princípio mundial da cidadania política aos 57% da população do sexo feminino). //

Foram necessárias ainda campanhas muito mais tarde que esse objectivo do movimento feminista de ultrapassar o primeiro e último, em 1969, a

trabalhadas no casamento & muitas  
portuguesas de direito de voto em situação  
de quase-igualdade com os homens.

Risq de quase-igualdade papal, se é certo  
que as comunidades se estruturam e  
partem das suas células no caso de direito  
administrativo português, essas células  
são as comunidades locais "governadas"  
pelas juntas de freguesia, em que os  
respectivos presidentes só podem ser eleitos  
pelos chefes de família //.

Agora de podemos falar em termos de  
cidadania **Fundação Cuidar o Futuro** e gelanos de  
mulher como força nova, que tomar seu  
lugar que não estava, hoje de modo  
nenhum e atitude - nos no sequên-  
cia do movimento feminista. A maior  
parte da mulher exposição vai tentar dizer  
porque: a impressão de mulher como  
força nova no mundo situa-se, em nível  
cultural, em auto liquidação.

Sua - seu sequên- de um movimento  
muito mais amplo de toda humanidade, que  
tem, simultaneamente, características  
sociológicas e apolíticas e elementos  
filosóficos a justificá-lo //

GRAAL

Alameda Santo António dos Capuchos, 4 - 5º.  
Lisboa 1

Tel. 56 09 85

Lisboa, 15 de Julho de 1972

Caro(s) amigo(s),

Estará de passagem em Lisboa, nos próximos dias 18 e 19 de Julho, o mexicano Oscar Nunñez, que veio a Madrid participar numa sessão internacional sobre "Fé Cristã e Transformação Social na América Latina".

Oscar Nunñez é um dos muitos cristãos latino-americanos que nos últimos anos têm procurado trazer a reflexão teológica os dados de uma "praxis" social verdadeiramente evangélica e, portanto, libertadora.

A sua experiência no México - onde trabalha sobretudo com grupos de "conscientização", segundo a pedagogia de Paulo Freire - bem como a experiência da sessão internacional em que acaba de participar em Madrid, serão para nós do maior interesse.

Nos dias 18 e 19, às 21.30 h, Oscar Nunñez estará no Centro do Graal - Alameda de Santo António dos Capuchos, 4 - 5º., disposto a partilhar connosco as suas experiências.

Agradecemos a todos os amigos que queiram participar neste encontro que o comuniquem para o telefone 56 09 85, a fim de podermos saber com quantas pessoas deveremos contar.

Aguardando a vossa resposta, envia as melhores lembranças a

Teresa Sta. Clara

Qual será, então, esse enquadramento de  
adequação sociológica mais amplo do que o  
normalmente permitido do princípio do século?

2) A condição de mudança de sociedade

Estamos, além do mais, a viver uma sociedade  
em mudança, que é peculiar de forma mais  
ou menos dramática causante o ritmo do pro-  
gresso, causante a dispersão das nações,  
estruturas sociais, causante a capacidade  
de abstração que têm os povos e as populações  
de captarem o equilíbrio que se dá  
na mudança de **Fundação Cuidar o Futuro**. A mudança  
percebe-se nesse impetão dentro do  
presente de um futuro com características  
totalmente diversas e quase não mais  
visíveis a partir do presente — uma  
salvo de continuidade, uma salve  
entre aquilo que é hoje e aquilo que  
não é ser. Trata-se, nesta sociedade em mu-  
dança, do choque entre o homem que se esvazia  
mas que quer a todo o custo permanecer  
e um indivíduo que ajuda este por con-  
substância. Pretencem a esse ponto

valores, atitudes, modelos de comportamento, expectativas, que embelezados já nos seus alicerces revelam o seu caráter de significação para o uso que fizeram e fazem, apesar de tudo, querem permanecer. Se se enuncia o traço de mudança — seu traço que é tanto mais forte, tanto mais violento, tanto mais dominado, quanto menos claro aparece esse anúncio que se recebe. ~~Se esse anúncio~~ <sup>esse anúncio</sup> for autêntico lado pertencem a esse anúncio como terminologia, novos modelos de comportamento e de ~~de~~ <sup>de</sup> ~~tem~~ <sup>tem</sup> ~~clima~~ <sup>clima</sup> que se pode dizer de qualquer. Qualquer que seja ainda não está definido, porque domina a negação do que é hoje e isto com tanto mais violência quanto mais se pressente, sem o poder verbalizar, o anúncio. Ou, nesse termo muita vez, violento, de dizer repetidamente o anúncio, portanto de ainda não o dizer, não o verbalizar, não lhe dar forma nem substância a qualquer forma, de este modo, outro traço de mudança.

Fundação Cuidado Futuro



O QUE VAMOS FAZER ?

- trabalhar com as crianças e os jovens da terra
- discutir temas que nos interessam
- conviver, passear, SER

QUANDO E ONDE ?

- de 22 a 30 de Julho (chégada no dia 22 ao fim da tarde e regresso no dia 30 de manhã)
- em Belver (Abrantes) - Quinta do Alamal

QUEM PARTICIPA ?

- raparigas dos últimos anos de vários liceus do país

CUSTO DA ESTADIA

- entre 200\$00 e 400\$00 (cada uma contribuirá com o que puder!)

INSCRIÇÃO

- até 15 de Julho, para:  
Celeste Isabel Souza Lopes  
Rua 31 de Janeiro, 84 Tel. 375  
Portalegre

Nome ..... Idade .....

É este parapeiro de um autem que se já (8)  
leu forme residual ~~que~~ <sup>face</sup> uma <sup>avancada</sup>  
que ainda não se define <sup>em</sup> seus contornos,  
é aí que eu situo a questão de mulher no  
mundo de hoje: ... O sentido de nova força  
que a mulher representa no mundo está  
potencialmente presente neste parapeiro  
de um tipo de mundo e um novo tipo de  
existência //

É legítimo que neste momento eu interceda  
seu e me dessem: "mas em que  
causa está esse mudança tão radical?" //

~~Quando~~ <sup>Fundação Cuidado Futuro</sup> ~~eu digo~~ <sup>que</sup> ~~o~~ <sup>que</sup> ~~me~~ <sup>apenas</sup>  
lembra que é nos últimos 10 anos que se  
universalizaram a ~~grande~~ <sup>campiões</sup>  
de grandes danos do pensamento e  
de experiência vivida dos homens em  
sociedade //

Assim, é importante scntuar que o  
nível de estrutura de pessoa humana é  
no último de cede que se divulga, se  
como popular, fica ao alcance de todo e  
qualquer, torna-se parte de nossa cultura  
e de nossa maneira de ver o mundo



# Campo de férias do Graal Belver 72

## O QUE VAMOS FAZER ?

- trabalhar com as crianças e os jovens da terra
- discutir temas que nos interessam
- conviver, passear, SER

## QUANDO E ONDE ?

- de 22 a 30 de Julho (chegada no dia 22 ao fim de tarde e regresso no dia 30 de manhã)
- em Belver (Abrantes) - Quinta do Alamal

## QUEM PARTICIPA ?

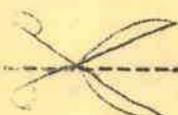
- raparigas dos últimos anos de vários liceus do país

## CUSTO DA ESTADIA

- entre 200\$00 e 400\$00 (cada uma contribuirá com o que puder!)

## INSCRIÇÃO

- até 15 de Julho, para:  
Celeste Isabel Souza Lopes  
Rua 31 de Janeiro, 84 Tel. 375  
Portalegre



Nome .....

Idade .....

uma compreensão por - fundação do  
 homem (isso esta expressão porque não se  
 trata de uma instituição - fundação  
 restrita mas depende pois, de ai de Freud,  
 foi verificada, descolada e corrigida.

*[Faint handwritten notes and scribbles]*

Fundação Cuidar o Futuro

*[Faint mirrored text from reverse side]*





O QUE VAMOS FAZER ?

- trabalhar com as crianças e os jovens da terra
- discutir temas que nos interessam
- conviver, passear, SER

QUANDO E ONDE ?

- de 22 a 30 de Julho (chegada no dia 22 ao fim da tarde e regresso no dia 30 de manhã)
- em Belder (Abrantes) - Quinta do Alamal

QUEM PARTICIPA ?

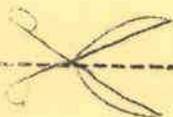
- raparigas dos últimos anos de vários liceus do país

CUSTO DA ESTADIA

- entre 200\$00 e 400\$00 (cada uma contribuirá com o que puder!)

INSCRIÇÃO

- até 15 de Julho, para:  
Celeste Isabel Souza Lopes  
Rua 31 de Janeiro, 84 Tel. 375  
Portalegre



Nome .....

Idade .....

Morada .....